

Sous les pavés, la plage.

Debaixo dos paralelos, a praia.

Alusão à areia que se escondia debaixo das pedras retiradas do pavimento das ruas para erguer barricadas ou para responder à repressão policial, ou a representação simbólica dos sonhos de 68: descobrir uma praia debaixo do peso bruto do “velho regime”.

Que gesto foi esse de uma geração que em 68 se revoltou em França (e um pouco por todo o mundo) contra a repressão e o autoritarismo? E hoje? Será que é possível pensar o conceito de revolução nos mesmos moldes? Ou será que, como nos diz o filósofo Byung-Chul Han, a revolução não é mais possível porque “o poder que estabiliza os sistemas já não funciona através da repressão, mas através da sedução”?

Propomo-nos analisar este paradoxo, criando um espetáculo que procura compreender que “praia” é esta que sobrou, 50 anos depois, que corpos (pós-revolucionários e pós-utópicos) são estes que a habitam, e quais as marcas (nostálgicas) que neles ficaram.

Afastamo-nos de uma ideia de “espetáculo histórico”, porque nos interessa mais a relação com a herança de 68 na contemporaneidade do que o acontecimento histórico em si. Recuperando um dos mais reconhecíveis slogans de 68, propomo-nos a ser realistas, exigindo o impossível.

M’18

criação: Cátia Pinheiro e José Nunes | interpretação: Cátia Pinheiro, José Nunes, Mariana Magalhães, Tiago Jácome e Xana Novais | cenografia: Cátia Pinheiro | figurinos: Jordann Santos | desenho de luz: Daniel Worm d’Assumpção | som: Vasco Rodrigues | vídeo e imagem de divulgação: António MV | assistência: Tiago Jácome | apoio ao movimento: Marco da Silva Ferreira | colaboração e documentação: Rogério Nuno Costa | apoio técnico: Pedro Nabais | produção: Natasha Bulha Costa.

coprodução: Estrutura e Teatro Municipal do Porto | apoio: República Portuguesa – Cultura / Direção-Geral das Artes | residências: Teatro Campo Alegre, Fábrica das Ideias da Gafanha da Nazaré (23 Milhas – Ilhavo) e Circolando – Espaço de Criação Transdisciplinar.

agradecimentos: Companhia Instável, Milícia Urbana Indoor Paintball, Paulo Correia, João Barroso, Mafalda Banquart, Joana Barroso e José António Noya Ares.

A Estrutura é uma companhia residente no Teatro Campo Alegre, no âmbito do programa Campo Aberto do Teatro Municipal do Porto.



Coprodução

ESTRUTURA

Porto. Teatro Municipal do Porto
Rivoli ● Campo Alegre

Apoio

REPÚBLICA PORTUGUESA dgARTES DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES
CULTURA

Sous les pavés, la plage

A glass bottle, partially filled with a vibrant pink liquid, stands against a stark white background. A white cloth is tied around the neck of the bottle, with several long, thin strands hanging down. A black rectangular label with a white border is affixed to the bottle, featuring the words "GO POLITICAL" in bold, black, sans-serif capital letters. The bottle is positioned vertically, and the liquid level is visible through the clear glass. The overall composition is minimalist and striking.

© António MV

Acreditamos que este espetáculo não começa apenas quando o público entra na sala, nem acaba quando este sai. Por isso, assumimos estas páginas como o princípio, o meio e o fim do espetáculo, mas não necessariamente nessa ordem (como diria Jean-Luc Godard, cineasta francês que participou ativamente no Maio de 68). E definimos “espetáculo” dentro (e para fora) dos seus limites espaço-temporais mais imediatos. Caberá ao espetador (aqui feito leitor) balizar a sua experiência como quiser. Somos defensores acérrimos da responsabilidade máxima do espetador, e por isso lhe damos armas.

Com a dificuldade em fazer a filtragem de todos os materiais (textuais, visuais e outros) que compilámos ao longo do nosso processo de criação, decidimos desafiar o Rogério Nuno Costa a organizar os dados em bruto num objeto partilhável. Assumimos, nesta ação e intenção, mais um dos gestos de afastamento crítico em relação ao tema sobre o qual nos debruçámos. Mais do que tornar a investigação visível (seja ela mais ou menos esclarecedora, mais ou menos abstrata), mais do que fazer do processo resultado, quisemos construir um objeto em realidade paralela, um ponto de fuga ao espetáculo, no espetáculo.

S/ título [dies ist keine kunst], 2010
© António MV



M’18 como proposta de uma recusa textual, evitando uma linguagem que castre e condicione sentidos que facilmente poderia colocar o espetáculo perante um discurso ideológico-panfletário, e consequentemente retórico, porque é de um espetáculo que estamos a falar e não de um movimento político. Por outro lado, as imagens, o silêncio das palavras e o ruído da música abrem possibilidade à interpretação do espetáculo e que abra outras possibilidades “políticas” (no sentido grego do termo).

50 anos depois, que motivos existem para celebrar? É apenas uma memória?

★ PROTESTOS DE 68

* Anti-Nuclear, protestos contra a guerra do Vietnam, Black Panthers, Martin Luther King, Bob Kennedy, ocupação da Columbia University, protestos feministas “Bra-Burning Miss America Protest” (EUA, 1968)

Neste espetáculo, não vamos:

1. Explicar o que foi o Maio de 68;
2. Fazer uma revisitação histórica em *performato* (formato performativo);
3. Fazer um paralelismo ou uma analogia entre os dias de hoje e o Maio de 68 ou os “protestos de 68”.

Rotman: “Maio de 68 não deve ser considerado uma revolução falhada, porque não o foi, mas sim uma reforma conseguida, que adota esse estilo especial das reformas à francesa em que um simulacro de revolução se impõe como condição prévia de qualquer possibilidade de mudança (...) A utopia, por definição, não aspira a realizar-se mas atua como força propulsora suscetível de transformar a ordem das coisas. Traduzida por Maio de 68, a utopia de uma “outra sociedade” nunca se tornou realidade, como era de esperar, mas sem esse poder prometeico que lhe confere, Maio de 68 não teria sido mais do que um movimento reivindicativo sem fôlego nem transcendência. (...) Hoje em dia é um “momento há muito tempo definitivamente acabado: produziu os seus efeitos sobre a sociedade francesa, cuja transformação acompanhou e acelerou. Mas esses efeitos estão esgotados. (...) O universo intelectual, ideológico e cultural dos anos sessenta tornou-se totalmente obsoleto e totalmente inoperante para apreender o mundo e a sociedade de hoje. Maio de 68 é de facto um objeto histórico encerrado, que se deve olhar e analisar como tal em todas as suas contradições e ambivalências.”

* Protestos Estudantis de Berlim Ocidental, Rudi Dutschke (RFA, 1968)

* Massacre de Tlatelolco (México, 1968)

Não é a praia prometida pelo Maio 68

Dentro da ideia de revolução imaterial, interessava-nos também explorar as possibilidades de um espetáculo poder ser *per se* um ato revolucionário, fazendo uso do seu carácter político intrínseco (no sentido grego do termo e não num sentido ideológico). Perceber também que o espetáculo pode ser um ato revolucionário como um ato de transformação, de contrariar convenções, normas ou expetativas artísticas. E deste modo, interessava-nos também explorar as questões da linguagem.

Este espetáculo também é “sobre” linguagem e sobre a ditadura da linguagem, da compreensão e da comunicação num objeto teatral.

“Sous les pavés, la plage” foi um dos muitos slogans escritos nas paredes de Paris que marcaram o Maio de 68. As pedras da calçada que ajudaram a construir as célebres barricadas da noite de 10 de Maio e que também serviram de arma de arremesso contra a repressão policial. Atiraram os pavés, ficou a praia. As pedras foram atiradas por uma geração de baby boomers contra o autoritarismo e o conservadorismo Gaulista, símbolo de uma geração marcada por duas guerras mundiais e por um lógica conservadora e protecionista de ver o mundo.

Fazer uma revolução em busca da praia (a imagem positiva de bem estar, descanso, um mundo melhor, um bom momento)

Estamos na praia desde 68, numa espécie de dispositivo panótico ou banótico, que se assemelha a uma prisão voluntária e sedutora.

* Passeata dos Cem Mil (Brasil, 1968)

Maio de 68 é uma sucessão de instabilidades e de flutuações amplificadas”, onde se criou uma “nova subjetividade”, mas sem que a sociedade fosse capaz de “formar agenciamentos coletivos que correspondessem a essa nova subjetividade”. Tornou-se impossível agarrar uma ideia basilar, apesar das inúmeras reivindicações materiais conquistadas a curto, médio e longo prazo. Só assim se pode compreender como na mesma luta podemos ver juntos estudantes, operários, intelectuais, artistas, maoistas, trotskistas, comunistas, socialistas e situacionistas.

M’18 poderia ser a sigla de *Maio de 2018*, mas também é uma metralhadora e um caça-tanque (símbolos de revolução ou repressão?), ou poderia ser o nome de um grupo paramilitar pós-revolucionário, ou a sigla do *Movimento 18*, ou “maiores de 18” (a idade a partir da qual se pode votar, ver filmes ou espetáculos proibidos, regra essa que é muitas vezes quebrada pelo espírito adolescente como sinal de rebeldia, emancipação e revolução), ou então poderia ser o nome dado à nossa condição contemporânea...

* Maio de 68 (França, 1968)

“Não se tomou o poder, tomou-se a palavra”

* Rebelião de Stonewall (EUA, 1969)

“Aquilo que vocês querem é um novo mestre”. Jacques Lacan, 1968

* Primavera de Praga (Checoslováquia, 1968)

Chul-Han: “A economia de partilha anuncia o fim do capitalismo inaugurando uma ordem social orientada para o comum, onde partilhar tem mais valor que possuir. O que acontece é precisamente o oposto: a economia de partilha leva, em último caso, à total mercantilização da vida.”

Patrick Rotman: “É impossível considerar ‘68’ como um bloco homogéneo, classificando-o uniformemente de assoada estudantil ou revolução abortada. No movimento de 68 misturam-se uma aspiração democrática e uma vertigem messiânica, uma vontade libertária e comportamentos totalitários, uma incrível modernidade e um arcaísmo aflitivo, a necessidade de generosidade coletiva e a afirmação de um individualismo exacerbado... Maio de 68 não pode ser encerrado numa única dimensão, forçosamente parcial.

Chul-Han: “O poder de estabilização do sistema não é repressivo mas sedutor. O neoliberalismo transforma o trabalhador oprimido num empresário livre, um empreendedor de si mesmo. Hoje, cada um de nós é um trabalhador que se explora a si próprio na sua própria empresa. Cada um de nós é mestre e escravo na sua mesma pessoa. E também a luta de classes se transforma em luta interna de cada um consigo próprio. Hoje, aqueles que não conseguem atingir o sucesso culpam-se a si próprios e sentem-se envergonhados. As pessoas vêem-se a si próprias como o problema e não a sociedade. O capitalismo realiza-se plenamente no momento em que vende o comunismo como mercadoria. O comunismo como mercadoria é o fim da revolução.”

Sous les pavés, la plage

ESCAVAR NA AREIA

Algumas notas dispersas (subterrâneas) para compreender M’18, menos o espetáculo, mais a vontade de o tornar possível.

Comecemos com Debord: tudo o que era diretamente vivido afastou-se numa representação.

Slogans usurpados/deturpados, repetidos em hashtag, pintados a glitter, fita-cola colorida e tinta fluorescente.

M’18 é moda. É o Pantone anunciado no final de 2017. Tem o prazo de um ano, mas não sabemos exatamente quando irá acabar. Estamos a meio do caminho.

Em 1968, a praia era o amanhã. Lugar de projeções/previsões, mas também de desilusões. A esperança de um futuro melhor, menos brutal, em contraste com aquilo que resta depois de se gritarem todas as palavras de ordem, graffitarem todos os muros, levantarem todas as pedras. Debaixo delas, a praia. Depois da praia, o vazio: já não há mais paralelos (pedras, mas também mundos) para atirar às forças que nos oprimem.

A praia do amanhã enquanto paradoxo último, a derradeira opressão.

Em 2018, ano-ficção, a “praia” é ao mesmo tempo realidade concreta e efabulação. Ao mesmo tempo afirmação e retórica. Uma promessa de um futuro que é agora, mas que afinal não aconteceu como se esperava. Não só se esgotaram os pavés, como a *plage* por baixo revelada é afinal um lugar (a)politicamente impossível.

Quando Deleuze e Guattari* referem que “o Maio de 68 é da ordem de um acontecimento puro, livre de qualquer causalidade normal ou normativa”, e que “a sua história é uma sucessão de instabilidades e de flutuações amplificadas”, onde se criou uma “nova subjetividade”, mas sem que a sociedade fosse capaz de “formar agenciamentos coletivos que correspondessem a essa nova subjetividade”, tornam evidente que, apesar das inúmeras reivindicações conquistadas, a herança de 68 é, essencialmente, a de uma revolução cultural, que ao subsistir no regime da imaterialidade, deixou uma sensação de orfandade numa geração que, ironicamente, terá lutado por “um pouco de possível”.

Exorcismo.

No palco de M’18, dispositivo ao mesmo tempo polissémico e policénico, cinco atores dão corpo a um manifesto libertino, ainda que infértil. Cinco corpos que já nasceram (e cresceram) nesse “tempo de revoluções já feitas” (Rotman**) e onde “o poder que estabiliza o sistema já não funciona através da repressão, mas através da sedução” (Byung-Chul Han***). Os corpos de M’18 são a frente e o verso de um panfleto vazio com data de 2018, ano que, à semelhança de 68, nunca irá acabar, porque nunca terá começado. Já não procuram o “pouco de possível”, antes se desdobram em sucedâneos mercantilizados de espírito revolucionário, mimetizando os ecos (já quase só “gráficos”) de uma libertação passada.

Corpos seduzidos pela sua própria auto-aniquilação.

Olhando para a sociedade de hoje, para a praia prometida e por habitar, o que sobra? Que revolução é (ainda) possível? E que motivos temos para celebrar? A efeméride, a memória da efeméride, ou uma ideia/desejo imanente de libertação? Estas questões introduziram o nosso processo de escavação; permanecem, hoje, no tempo e no espaço do espetáculo, mas na condição retórica de interrogações, dúvidas e incertezas quase fantasmagóricas. No palco concreto habitado por nós, a praia continua por escavar. Impenetrável.

A vontade de revolução foi substituída pela incapacidade de fazer seja o que for, pelo desapontamento apático, pelo relativismo ideológico. Torna-se difícil ter referências e identificar a repressão no meio do barulho das luzes. Tal como a Revolução™, também a “agressão dirigida contra si próprio” *** é partilhada em *smartphone* e vendida como mercadoria.

Ainda Debord: os mentirosos mentiram a si próprios.

M’18 apropria-se desse desapontamento pós-revolucionário para o canibalizar, estilizando-o e transformando-o em pesadelo *millenial*. Os ecos de 68 não são mais, agora, que a banda sonora *easy listening* que serve de pano de fundo a essa revolução já tão batida (mais batida que a areia que os atores pisam em palco): a das convenções, a das normas e das expetativas, a da ruptura da linguagem, ou da ditadura da linguagem; em suma, a revolução da compreensão e da comunicação do objeto teatral. Quanto mais nos queremos libertar do “tema”, mais nos aprisionamos no regime da sua tradução.

Os pós-utópicos (como diria Foucault****), ou os “pop-revolucionários” (como diríamos nós), no meio desse capitalismo esquizofrénico (como diriam D&G*), incapazes de cumprir as reivindicações imateriais de 68, entregam-se por fim, demissionários, à total mercantilização da vida. Tornam-se amáveis, com o intuito “de obter melhores avaliações”***.

Vigiar e punir são agora sinónimos.

BIBLIOGRAFIA

* Gilles Deleuze & Félix Guattari – “O maio de 68 não ocorreu” (Les Nouvelles littéraires 1984;

Revista Trágica, 2015)

** Patrick Rotman – “O Maio de 68 explicado aqueles que não o viveram” (Éditions du Seuil,

2008; Guimarães Editores, 2008)

*** Byung-Chul Han – “Porque é que hoje nenhuma revolução é possível?” (Süddeutsche

Zeitung 2014, Revista Punkto, 2015)

**** Michel Foucault – “Vigiar e Punir. Nascimento da Prisão” (Éditions Gallimard, 1975; Edições

70, 2013) e “Microfísica do Poder” (Einaudi, 1977; Edições Graal, 1979)

FILMOGRAFIA

Jean-Luc Godard – Tout va bien (1972)

Chris Marker – Le fond de l’air est rouge (1977)

1968: The Year that Shaped a Generation (1998)

Bernardo Bertolucci – The Dreamers (2003)

Democracy and Disappointment: On the Politics of Resistance, Alain Badiou & Simon Critchley (2007)

Olivier Ducastel, Jacques Martineau – Nés en 68 (2008)

Jean-Luc Godard – Adieu au langage (2014)

Yanis Marshall Heels Coreography “Baby One More Time” (2016)

Pepsi Ad Commercial with Kendall Jenner (2017)

Gucci – Pre-Fall 2018 Campaign: Gucci Dans Les Rues (2018)

DISCOGRAFIA

Chopin – Etude Révolutionnaire (1831)

Lesley Gore – You don’t own me (1965)

Nina Simone – I Wish I Knew How It Would Feel To Be Free (1967)

The Beatles – Revolution (1968)

The Rolling Stones – Street Fighting Man (1968)

Gil Scott Heron – The Revolution Will Not Be Televised (1970)

Laurent Garnier – Crispy Bacon (1997)

M.I.A. – Borders (2016)

Die Antwoord – Love Drug (2017)

Little Big – Hatefull Love (2017)